

USO DE ANTIPSICÓTICOS ASSOCIADOS A PROMETAZINA EM PACIENTES INTERNADOS POR ESQUIZOFRENIA EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA CIDADE DE BAGÉ, RS.

AUTORES

Isadora Baggio Gomes¹, Gabriela Albuquerque Quevedo², Franciele Alves Valério da Rosa³,
Guilherme Cassão Marques Bragança⁴, Ana Carolina Zago⁵.

1 Acadêmica de Farmácia, Centro Universitário da Região da Campanha-URCAMP, isabaggio27@hotmail.com

2 Acadêmica de Farmácia, Centro Universitário da Região da Campanha-URCAMP.

3 Farmacêutica do Hospital Universitário Dr. Mário Araújo.

4 Dr. Docente do Curso de Farmácia, Centro Universitário da Região da Campanha-URCAMP.

5 Dra. Docente Curso de Farmácia, Centro Universitário da Região da Campanha-URCAMP.

Resumo: A esquizofrenia é estabelecida como uma psicopatía crônica sem causa definida (com ocorrência em 1% da população mundial, ou seja, em torno de 70 milhões de pessoas) que engloba principalmente os danos causados ao próprio paciente e seus familiares. É considerada uma enfermidade complexa por pronunciar sintomas denominados positivos (alucinações, delírios e distúrbios do pensamento) e negativos (embotamento afetivo, anedonia, falta de motivação entre outros). Os antipsicóticos correspondem a uma base para o tratamento da esquizofrenia, a hiperfunção dopaminérgica presente é uma das hipóteses para o tratamento farmacológico da esquizofrenia. Hoje em dia existem duas classes de antipsicóticos, os típicos e os atípicos, que possuem o mecanismo de ação relacionado com o bloqueio de receptores dopaminérgicos D2. Em casos de agitação secundária à psicose, um dos tratamentos considerados de emergência é a associação do haloperidol (antipsicótico típico) com a prometazina (anti-histamínico), a alegação dessa conduta seria estimular essa droga antipsicótica rapidamente e em conjunto com as propriedades sedativas da prometazina. Este trabalho teve como objetivo analisar o uso de antipsicóticos associados a prometazina em pacientes internados por esquizofrenia em um Hospital Universitário da cidade de Bagé, RS. Além de verificar, dentro do contexto hospitalar, as variações quanto ao gênero nesta doença, a média de idade, tempo de internação, especialidade médica, convênio e se houveram reinternações. As internações por esquizofrenia no período estudado totalizaram 0,77% (n=XX do total de 1284), sendo o percentual de maior índice no sexo masculino (80% - n=8), com faixa etária de 20 a 30 anos (40% - n=4). Em relação ao tempo de internação, a metade ficou de 16 a 20, com especialidade médica prevalente na psiquiatria 90% (n=9) e 1 única internação neste espaço de tempo (80% - n=8). Metade dos pacientes utilizaram 2 antipsicóticos e 60% (n=6) tiveram a prescrição do haloperidol associado a prometazina. Mais da metade dos pacientes internados utilizaram a associação de Haloperidol e Prometazina, o que demonstra um perfil de pacientes mais agitados.

Palavras-chave: Antipsicóticos; Esquizofrenia; Prometazina, Agitação psicomotora.

INTRODUÇÃO

A esquizofrenia é uma psicopatía crônica sem causa definida, tendo associação de risco com alguns fatores genéticos e ambientais, podendo ter origem por pretextos variados (MONTEIRO, 2007). Trata-se de uma das

doenças de mais difícil convivência, com ocorrência em 1% da população mundial, ou seja, em torno de 70 milhões de pessoas, podendo gerar danos ao próprio paciente e aos seus familiares. É considerada uma enfermidade complexa por pronunciar sintomas denominados positivos (alucinações, delírios e distúrbios do pensamento) e negativos (embotamento afetivo, anedonia, falta de motivação entre outros) (SILVA et al., 2016; OMS, 1998). Identificada como um transtorno que demanda algumas mudanças nos aspectos da vida do paciente, essa condição crônica exige um tratamento farmacológico prolongado, tendo como principal escolha os antipsicóticos, que reduzem os sintomas, melhoram a qualidade de vida e as relações psicossociais (NICOLINO, 2011).

Sadock et al. (2015) relatam que as ocorrências de múltiplas internações hospitalares estão relacionadas a própria doença em si. Além disso, a associação com o uso de substâncias químicas e altas taxas de tentativas de suicídio também levam ao aumento das internações hospitalares (HOR e TAYLOR, 2010).

Fulone et al. (2023) abordam que os antipsicóticos correspondem a uma base para o tratamento da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos, e desde a introdução dos mesmo no mercado, ocorreu uma grande inovação no tratamento. A hiperfunção dopaminérgica presente é uma das hipóteses para o tratamento farmacológico da esquizofrenia. Hoje em dia existem duas classes de antipsicóticos, os típicos e os atípicos, que possuem o mecanismo de ação relacionado com o bloqueio de receptores dopaminérgicos D2 (MOREIRA et al., 2010).

Em casos de agitação secundária a psicose, um dos tratamentos considerados de emergência é a associação do haloperidol (antipsicótico típico) com a prometazina (anti-histamínico). A alegação dessa conduta seria estimular essa droga antipsicótica rapidamente e em conjunto com as propriedades sedativas e antimuscarínicas da prometazina. O haloperidol sozinho tranquiliza pacientes psicóticos agressivos, porém não age mais rápido e nem é tão seguro quanto associado com a prometazina (HUF et al., 2007, 2009).

Diante do exposto, este trabalho teve como objetivo analisar o uso de antipsicóticos associados ao anti-histamínico prometazina em pacientes internados por esquizofrenia em um Hospital Universitário da cidade de Bagé, RS.

METODOLOGIA

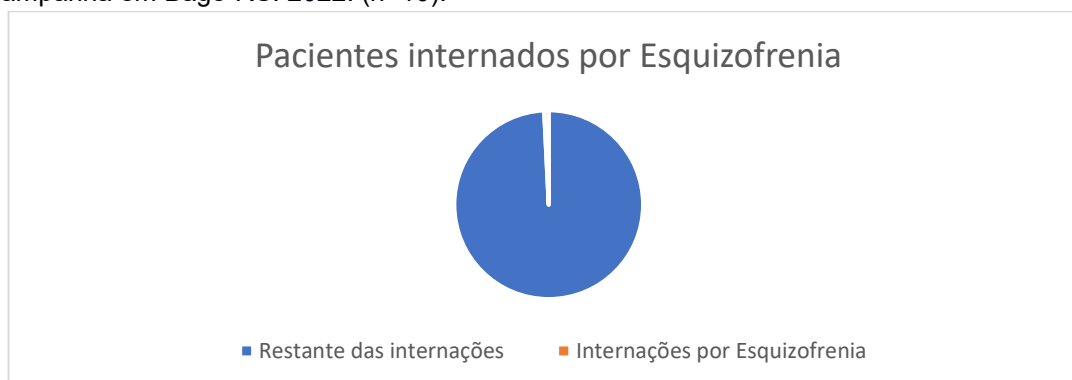
Trata-se de um estudo descritivo transversal e retrospectivo, com dados quantitativos extraídos do software hospitalar SIGH (Sistema Integrado de

Gestão Hospitalar), o qual é utilizado diariamente neste hospital em que foi realizada a pesquisa. A obtenção desses dados para realização do estudo é referente ao período de janeiro de 2022 a dezembro de 2022, sendo coletadas as prescrições de pacientes com esquizofrenia internados no período. As variáveis abordadas foram sexo, idade, tempo de internação, especialidade médica, tipo de convênio, número de antipsicóticos prescritos, uso de prometazina e número de internações durante este intervalo de tempo. Posteriormente, os dados foram analisados, quantificados e expressos em porcentagem. Esta pesquisa contemplou um projeto amplo sobre Segurança do Paciente, aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o número de CAAE:39591120.6.0000.5340.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o ano de 2022 (janeiro a dezembro) houveram no total 1284 internações no Hospital Universitário, destas, 0,77% (n=10) ocorreram por pacientes com esquizofrenia, conforme demonstra o Gráfico 1.

Gráfico 1: Índice de internação por Esquizofrenia no Hospital Universitário da Região da Campanha em Bagé-RS. 2022. (n=10).



Fonte: Software SIGH do Hospital Universitário de Bagé, RS.

O maior índice de internação por esquizofrenia foi do sexo masculino 80% (n=8), com faixa etária de 20 a 30 anos 40% (n=4). Em relação ao tempo de internação, a metade ficou de 16 a 20 dias, a especialidade médica mais prevalente foi a psiquiatria (90%, n=9), todos internados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e a maioria teve apenas uma internação neste espaço de tempo (80%, n=8). Metade dos pacientes utilizaram 2 antipsicóticos e 60% (n=6) tiveram a prescrição do haloperidol associado a prometazina, conforme demonstrado na Tabela 1.

Abel et al. (2010) e Fulone et al. (2023) encontraram em seus estudos que a maior prevalência da Esquizofrenia ocorreu em pacientes do sexo masculino a partir dos vinte anos.

Pacheco et al. (2003) relatam que 95% dos pacientes internados por esquizofrenia permanecem 120 dias no hospital. Algumas dessas internações mais longas se dão pelo fato de a família estar desgastada em decorrência da doença mental, a fim de terem um intervalo mais tranquilo em seus lares, ou ainda, tratam-se de casos que não possuem esse suporte familiar.

Segundo Huf et al. (2009), em seu estudo, a associação haloperidol-prometazina foi usada em mais de 60% dos pacientes, sendo que essa proporção chegou a 83% quando além dessa associação, haviam mais outras drogas prescritas.

Estudos de Bezerra e Dimenstein (2011) e Zanardo et al. (2017), mostram que os pacientes procedem de serviços variados pela carência de uma rede hospitalar especializada, o que acaba negligenciando a demanda necessária da psiquiatria. Isso resulta em reinternações hospitalares com finalidade tanto em continuar com o tratamento, como em virtude de estratégias de saúde que não contam com uma rede de atenção.

Tabela 1: Perfil de internação por pacientes com esquizofrenia. Hospital Universitário da Região da Campanha em Bagé-RS. 2022. (n=10)

	Participantes (n)	Participantes (%)
Sexo		
Feminino	2	20%
Masculino	8	80%
Faixa Etária		
20 a 30 anos	4	40%
31 a 40 anos	2	20%
41 a 55 anos	2	20%
56 anos ou mais	2	20%
Tempo da Internação		
1 a 5 dias	1	10%
6 a 10 dias	2	20%
11 a 15 dias	1	10%
16 a 20 dias	5	50%
21 a 25 dias	0	0%
26 a 30 dias	1	10%
Especialidade médica		
Psiquiatria	9	90%
Medicina familiar	1	10%

Convênio		
SUS	10	100%
Outros	0	0%
Número de antipsicóticos		
Somente 1 antipsicótico	3	30%
2 antipsicóticos	5	50%
3 antipsicóticos	2	20%
Uso de prometazina		
Utilizaram	6	60%
Não utilizaram	4	40%
Número de internações		
Somente 1 internação	8	80%
2 a 5 internações	1	10%
6 a 11 internações	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Software SIGH do Hospital Universitário de Bagé, RS.

CONCLUSÃO

Mediante este estudo, pode-se observar que dentre as internações por esquizofrenia, a maioria dos pacientes são adultos jovens e do sexo masculino. Mais da metade dos pacientes internados utilizaram a associação de Haloperidol e Prometazina, o que demonstra um perfil de pacientes mais agitados.

REFERÊNCIAS

ABEL, K. M.; DRAKE, R.; GOLDSTEIN, J. M.; Sex differences in schizophrenia. *International Review of Psychiatry*; 22(5): 417–28, 2010.

BEZERRA, C. G.; DIMENSTEIN, M. **O fenômeno da reinternação: um desafio à Reforma Psiquiátrica Mental**; 9(16): 303-26, 2011.

FULONE, I.; SILVA, M. T.; LOPES, L. C. Uso de antipsicóticos atípicos no tratamento da esquizofrenia no Sistema Único de Saúde do Brasil: estudo de coorte 2008-2017. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v.32, n.1, 2023.

HOR, K.; TAYLOR, M. Review: Suicide and schizophrenia: a systematic review of rates and risk factors. *Journal of Psychopharmacology*. 24(4): 81–90, 2010.



HUF, G.; COUTINHO, E. S. F.; ADAMS, C. E. **Tranquilização rápida em situações de emergência psiquiátrica no Brasil: ensaio pragmático randomizado controlado de haloperidol intramuscular versus haloperidol intramuscular mais prometazina** *BMJ*; 335 :869, 2007.

HUF, G.; COUTINHO, E. S. F.; ADAMS, C. E. Haloperidol mais prometazina para pacientes agitados - uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 31, n. 3, p. 265–270, set. 2009.

MONTEIRO, L. DE C.; LOUZÃ, M. R. Alterações cognitivas na esquizofrenia: conseqüências funcionais e abordagens terapêuticas. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 34, p. 179–183, 2007.

MOREIRA, L. B.; COSTA, A. F.; FUCHS, F.D.; Antipsicóticos. **Farmacologia Clínica: Fundamentos da Terapêutica Racional**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 577-586, 2010.

NICOLINO, P. S.; VEDANA, K. G. G.; MIASSO, A. I. Esquizofrenia: adesão ao tratamento e crenças sobre o transtorno e terapêutica medicamentosa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 3, p. 708–715, JUN. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Critérios diagnósticos para pesquisa**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 82- 3, 1998.

PACHECO, M. A.; NETO, C. A.; MENEZES, F. Aspecto do funcionamento de uma unidade de internação psiquiátrica de um hospital geral. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. 25(1): 106-114, 2003.

SILVA, A. M., DOS SANTOS, C. A., MIRON, F. M., MIGUEL, N. P., DE CARVALHO, C. F., & BELLEMO, A. I. S. Esquizofrenia: uma revisão bibliográfica. **UNILUS Ensino e Pesquisa**, 18-25, 2016.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. Kaplan & Sadock's synopsis of psychiatry: behavioral sciences/clinical psychiatry. 11. ed. **Philadelphia: Wolters Kluwer**; 2015.

ZANARDO, G. L. de P.; SILVEIRA, L. H. de C.; ROCHA, C. M. F.; ROCHA, K. B. Internações e reinternações psiquiátricas em um hospital geral de Porto Alegre: características sociodemográficas, clínicas e do uso da Rede de Atenção Psicossocial. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 20(3): 460–74, 2017.